

BERNARDINO FERNANDO DA COSTA MARQUES
Gabinete de Filosofia Medieval | Universidade do Porto

A condição da mulher no *Sermonário* de Frei Paio de Coimbra, O. P.

A concepção cristã do mundo e do homem no que diz respeito à condição feminina alicerça-se na revelação divina expressa nas Sagradas Escrituras. Assim o livro do Génesis (1,27) diz: «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus: Ele os criou homem e mulher». Criados juntamente «o homem e a mulher são feitos «um para o outro»: não é que Deus os tenha feito «a meias» e «incompletos»; criou-os para uma comunhão de pessoas, em que cada um pode ser ajuda para o outro, uma vez que são, ao mesmo tempo, iguais enquanto pessoas («osso dos meus ossos») e complementares enquanto masculino e feminino»¹. Criados para que, unidos no matrimónio e formando «uma só carne», transmitirem a vida humana. Criados para exercerem responsabilmente o domínio o domínio sobre toda a criação. Paulo de Tarso, completando a Velha Aliança, anunciará a regra de ouro, a harmonia da relação dopar humano: a lei do amor conjugal. «E vós maridos - diz ele à primeira comunidade cristã de Éfeso -, amai as vossas mulheres como Cristo amou a sua Igreja e se entregou por ela»². Esta comunidade de dois, homem e mulher, instituiu a primeira forma de comunhão entre pessoas.

A perspectiva cristã, que utiliza a razão humana iluminada pela revelação divina, assenta a sua concepção feminista em dois princípios antropológicos

¹ *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1993, p. 372.

² Ef. 5,25.

fundamentais: Primeiro – que a mulher, enquanto indivíduo, tem o alto e obrigatório destino, como aliás cada ser humano, de adquirir a perfeição moral; Segundo – que a mulher, como membro do género humano, é chamada, em parceria com o homem, a representar a humanidade e a promover o desenvolvimento desta em todas as suas modalidades.

No decurso da história, a concepção ideal de relação destes dois seres humanos, homem/mulher, foi-se degradando paulatinamente com prejuízo para a mulher, a parte mais frágil, transformando-se paradoxalmente, mesmo em sectores restritos da comunidade cristã medieva, em misoginia. Para isso terão contribuído: a degradação moral dos costumes; a afirmação da vontade masculina de domínio, ora sob a forma de adulação do «belo sexo», para satisfação da sua libido, ora, sob a forma de arrogância contra o «sexo fraco», usurpando abusivamente o poder parental e social com o pretexto de que a mulher carece de capacidade e/ou de competência; a autoridade científica de Aristóteles, o qual, por sua vez define a mulher como *mas occasionatus* (*De generat. Animal.*, L. 2, c. 3- Bk 737a27), isto é, o ser feminino seria um «macho em potência, cujo devir foi contrariado, um ser falhado, incompleto, mutilado»³; a mentalidade de alguns eclesiásticos formada nas máximas pessimistas dos livros sapienciais da Bíblia, - diz-se no livro de Ben Sirá: «foi pela mulher que começou o pecado, e é por causa dela que todos morremos»⁴, e no Eclesiastes: «E descobri que a mulher é mais amarga que a morte, pois ela é uma armadilha, seu coração é uma rede e seus braços cadeias»⁵, e também nas sentenças de alguns Padres da Igreja em que se recusa a familiaridade com as mulheres, considerando-as aliadas do demónio; os conceitos obscuros e contraditórios da ciência médica antiga e medieval sobre o funcionamento do aparelho genital, que introduziram no senso comum os preconceitos que geravam o medo de contrair doenças perigosas (por exemplo, a lepra) no trato com mulheres em circunstâncias peculiares.

Interpretações inadequadas das cartas dos Príncipes dos Apóstolos sobre a posição da mulher no lar e na assembleia fizeram emergir a conhecida «questão feminina», isto é, a tese de que a mulher por natureza é um ser inferior e

³ Cf. C. THOMASSET e D. JAKART, «Da natureza feminina», in Christianne KLAPISCH-ZUBER (dir.), vol. 2: A Idade Média, *História das Mulheres no Ocidente*, Ed. Afrontamento, Porto 1993, p. 82.

⁴ Sir. 25,24.

⁵ Ecl. 7,26.

totalmente subordinada ao homem. Na verdade S. Paulo escreve: «As mulheres estejam sujeitas em tudo aos seus maridos»⁶. E ainda: «Durante a instrução a mulher guarde silêncio, com toda a submissão»⁷. Por outro lado S. Pedro exorta: «Da mesma maneira (isto, é, como os servos aos seus senhores), vós mulheres sujeitai-vos aos vossos maridos»⁸. Na verdade os textos aduzidos não têm carácter normativo, pois estariam em contradição com as convicções manifestadas pelos Apóstolos em outras epístolas, mas são apenas conselhos práticos para a pacífica convivência conjugal e comunitária, tendo em conta apenas os costumes sociais que vigoravam entre os judeus. S. Tomás de Aquino faz deste assunto uma questão escolástica e procura resolvê-la na *Suma Teológica* (I,92,1) de modo adequado ao seu tempo. Digo «de modo adequado», pois que na Idade Média, tal como afirma Dominique Barthélemy, «a sociedade conjugal quer-se ao mesmo tempo igualitária e hierárquica. Exactamente como a relação feudo-vassálica, com a qual tem em comum o uso da palavras como *meu senhor* e ao mesmo tempo *ma par*, meu igual»⁹. O Doutor Angélico responde à questão introduzindo uma «*distinctio*». Trata-se, neste caso, não de uma sujeição ou dependência servil para utilidade do homem, mas de uma sujeição económica ou civil orientada ao bem comum. E acrescenta uma razão de conveniência: «o homem é, por natureza, dotado de maior capacidade de discernimento»¹⁰, ou seja, para este tipo de funções é natural que lidere a racionalidade masculina.

Este é o contexto ideológico no qual o pregador dominicano Frei Paio de Coimbra alicerça as suas opiniões sobre a mulher. Mestre e (primeiro?) superior do convento do Arnado, em Coimbra, escreve um *Sermonário*¹¹, onde recolhe e elabora «*materia praedicabilis*» com finalidade pedagógico-pastoral, integrando-se no movimento de profunda renovação da vida cristã e combate da heresia pela palavra, encetado pelo Concílio Ecuménico Lateranense IV (1215). Nele se pode verificar que Frei Paio professa uma concepção realista da condição feminina.

⁶ Ef. 5,24.

⁷ I Tm. 2,11.

⁸ I Pt. 3,1.

⁹ D. BARTHÉLEMY «Parentesco», in Georges DUBY (dir.), *História da Vida Privada*, vol. 2: Da Europa Feudal ao Renascimento, , Circulo de Leitores, Lisboa 1990, p. 149.

¹⁰ 1 q. 92 a. 2: «quia naturaliter in homine magis abundat discretio rationis».

¹¹ Cf. Bernardino Fernando da Costa MARQUES, *Sermonário de Frei Paio de Coimbra, Edição e interpretação da estrutura e formas de pregação*, Dissertação de Mestrado em Filosofia Medieval, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto 1994.

Evitando a ligeireza das generalizações e a acrimónia das conclusões pessimistas, distingue duas categorias ou tipos de mulheres: a mulher leviana e insensata «*mulier mala*», modelo a evitar, e a mulher prudente e sábia, modelo a imitar.

A «*mulier mala*». Ao fazer a exegese do texto de Ben Sira 9, 4: *cum psaltrice ne adsiduus sis...*, no sermão da festa da degolação de São João Baptista, caracteriza a mulher leviana como aquela que atrai os homens para a morte através das danças eróticas, da familiaridade excessiva e das cantigas maliciosas. Esta mulher acende o fogo libidinoso que enfraquece o homem forte como Sansão, destrói o homem justo como David, e enlouquece o homem sábio como Salomão. O homem que é assediado pela mulher leviana não tem mais do que seguir o conselho de Santo Hilário: *contra solam mulierem pugnare non expedit, sed fugere*, contra estas mulheres não adianta lutar, mas apenas fugir.

Da «mulher prudente» podem encontrar-se no Sermonário vários modelos, tais como:

O da «pecadora arrependida», na figura de Maria Madalena, que viveu sob três estados - o da culpa, isto é, experimentou a vivência do pecado; o da graça, ou seja, a do arrependimento e da emenda; e o da glória, quando foi premiada com a bem-aventurança eterna.

O da «esposa virtuosa» na figura de Santa Cecília. Boa esposa é aquela que acompanha o seu marido acumulando e conservando o património familiar. A mulher insensata, porém, é esbanjador, leviana, ébria e tagarela. A mulher virtuosa ajuda o marido com bons e santos conselhos. Assim foi Abigail para com seu esposo David. Tal não foi, porém, Eva em relação a Adão. A mulher prudente procura libertar o marido das sendas perigosas. Assim procedeu Michol quando Saúl tentava matar David. Dalila, pelo contrário, entregou Sansão aos filisteus. A boa esposa sustenta e vela piamente o marido na enfermidade. Assim procedeu Ana na doença de Tobias. A mulher má, porém, feiticeira perigosa, agrava as mazelas do marido com ervas venenosas e poções mortíferas. A santa esposa reza para que o marido se converta, se arrependa dos pecados e alcance a glória celeste. Foi pela oração que Cecília mereceu a conversão de Valeriano.

O das virgens e mártires, como Eulália, Luzia, Ágata, Marinha, Margarida e Catarina, heróicas donzelas que selaram com o seu sangue o testemunho da fé e se deixaram imolar como hóstias vivas imaculadas. A virgindade transforma a alma na habitação predilecta de Deus, sendo condição necessgária para visão beatífica de Deus: «só os puros de coração verão a Deus». No entanto, esta virtude não encerra em si um valor absoluto, pois segundo Cesário de Arlés, «*melior est*

humilitas conjugalis quam superbia virginalis» (é mais excelente a humildade dos casados, que a soberba dos celibatários).

E finalmente o da Virgem Maria Mãe de Deus. Ela é o modelo perfeitíssimo da mulher cristã, o modelo acabado, e não o modelo sucedâneo do culto das divindades femininas. Os sermões em honra da Virgem Maria, distribuídos pelas quatro festividades comemorativas da Purificação, da Anunciação, da Assunção e da Natividade, são as peças melhor conseguidas de Frei Paio de Coimbra e constituem um pequeno tratado teológico de mariologia. No sermão 171 da Natividade, apresenta Maria como antítese de Eva. Maria transporta a anunciação do Verbo; Eva transporta a falsa promessa. Maria «*dulcis*» é maravilhosamente clara, fúlgida, luminosa como o anjo; Eva é dramaticamente obscura, tenebrosa, horrída, como o demónio.

São estas as representações dos tipos de feminilidade extraídos dos textos do *Sermonário* medieval do mestre dominicano, que nos levam a concluir que para Frei Paio a mulher não é virtuosa ou insipiente por força da sua condição, mas pelo papel que cada uma desempenhe segundo a determinação livre da sua vontade. Uma só via poderá conduzir à decepção e à ruína. Muitos mais são os caminhos luminosos da realização da mulher, sem que se negue a ela mesma. A história recente desvenda o aparecimento de novos caminhos, pois surgiram novas e inesperadas possibilidades de afirmação da mulher como ser individual e como entidade social. A diferenciação entre o homem e a mulher é deveras evidente, como também o é a complementaridade de ambos. No entanto, para que a mulher se realize como pessoa e ocupe o mesmo plano de responsabilidade existencial do homem, é necessário que as conquistas jurídicas que lhe possibilitam este desiderato sejam assumidas efectivamente por todos na vida prática.

